

5. Conclusão e Recomendações

Este estudo teve como objetivo investigar de que forma consumidores de baixa renda brasileiros encaram crédito e endividamento a partir de uma ótica temporal, buscando o entendimento sobre os elementos que influenciam a decisão entre poupar e postergar uma compra ou endividar-se e possuir agora.

Dada a natureza qualitativa do estudo, não se pretende fazer generalizações dos achados para a população de baixa renda. No entanto, os relatos apresentados trazem informações que podem ser úteis para futuras pesquisas e trabalhos relacionados aos temas tratados. Além disso, os resultados são consistentes com aqueles obtidos em trabalhos anteriores – em particular os de Brusky e Fortuna (2002) e Mattoso (2005) – o que sugere representarem bem o tema pesquisado.

5.1. Conclusões do Estudo

Se por um lado, a facilidade de acesso ao crédito permitiu e vai continuar permitindo, principalmente aos indivíduos de classes mais baixas, a oportunidade de realizar seus sonhos e acessar bens e serviços antes disponíveis apenas para as classes mais abastadas, o desequilíbrio entre a renda disponível e o custo para esse acesso ainda pode gerar maiores níveis de endividamento e potenciais casos de inadimplência.

O comportamento da economia brasileira, nível de emprego e aumento da renda disponível impactam diretamente na capacidade de honrar com seus compromissos. No entanto, mesmo com melhorias nessa área, verificou-se que existe falta de capacitação para gerir financeiramente a sua renda e suas dívidas e falta de informação sobre as ferramentas disponíveis para uso. Verifica-se algum esforço em controlar o dispêndio através de pagamentos parcelados, como já identificado nos trabalhos de Brusky e Fortuna (2002) e Mattoso (2005), mas

agora com relação ao cartão de crédito e não mais ao crediário, como acontecia há alguns anos atrás.

O pagamento à vista seria o preferido, mas os entrevistados alegam que o orçamento restrito não permite e não há sobras para reservas futuras. As cadernetas de poupança são percebidas como importantes, mas “não são feitas para eles”. Poucos fazem algum tipo de controle de gastos formal, mas trazem uma referência de valor máximo para a parcela a ser absorvida. No entanto, a inadimplência faz, ou já fez parte da vida de quase todos os entrevistados e é uma ameaça que está sempre próxima.

Apesar de ter-se identificado certa conscientização com relação ao impacto de juros no pagamento parcelado, assim como identificado por Mattoso (2005), não existe uma visão clara das vantagens de se poupar para adquirir bens. Apesar do receio que permeia o uso do cartão de crédito, os indivíduos de baixa renda entrevistados não sabem qual o percentual de juros que incidem em suas faturas e alguns pagam faturas atrasadas ou renegociam dívidas no cartão. Ou seja, apesar dos juros serem considerados o “grande vilão” da opção de pagamento via crediário, essa percepção não é tão forte assim quando se trata do cartão de crédito, talvez porque boa parte do pagamento parcelado seja feito sem juros, que só incidem em caso de atraso.

Acostumados a uma vida de restrições e de poucas perspectivas de mudança, essas pessoas não externaram preocupação em “olhar para frente” ou fazer reservas. O hoje é o que, de fato, importa. Talvez, os riscos associados a um futuro incerto e baixa expectativa façam as pessoas se sentirem indefesas, sem ação, tanto que acabam deixando de se comportar de forma ponderada (MADDUX, ROGERS *apud* BARROS, BOTELHO, 2012). Ou seja, ao invés de se protegerem do risco, passam a ignorá-lo. Foram vários os depoimentos que indicaram um comportamento fatalista, em que a capacidade de controle sobre o seu futuro era vista como fora do alcance do indivíduo. Referem-se, então, a Deus, como o grande responsável por tudo de bom e de ruim que pode ocorrer em suas vidas. Ao mesmo tempo, mostram resignação e apresentam a percepção de que não são capazes de produzir qualquer melhoria real na sua condição de vida, o que também foi verificado por Henry (2000). Apenas os mais jovens indicaram a esperança de melhoria de vida, como identificado por Markus *apud* Henry (2000) e um desejo de atuar pela mudança a médio e longo prazo. Essas atitudes parecem

afetar a pouca preocupação com planejamento e futuro, o que poderia favorecer uma tendência ao endividamento para consumo imediato, ao invés da poupança.

De forma consistente com essas observações, os entrevistados não tiveram dificuldade em optar entre serem classificados como pessoas que “vivem o hoje com intensidade” ou como pessoas que “planejam o futuro”. A posição mais comum foi a de viver o “hoje”, e mesmo entre os que diziam pensar o futuro, não houve indicações concretas de que fizessem algum planejamento voltado para o médio e longo prazo. Isto também se evidenciou ao falarem de seus sonhos que, claramente, pareciam muito distantes, intangíveis e de difícil realização.

Também de forma consistente, a preferência por gratificação imediata se confirmou no presente estudo, como em diversos estudos anteriores citados. Alguns se mostravam ávidos pelo consumo imediato e explicitavam comportamentos próximos ao consumo compulsivo: comprar o que não se precisa, ou perder o interesse pelo produto logo depois de comprado. Outros, no entanto, ainda que tivessem um discurso de maior controle dos gastos e cuidado com o endividamento, também caíam na armadilha da gratificação imediata, ao comprarem a prazo, com prestações muitas vezes incompatíveis com sua renda.

O investimento é visto em oposição ao endividamento, não somente como destino do fluxo financeiro, mas como repositório de emoções e motivações. As decisões das pessoas são influenciadas por expectativas, frustrações, sonhos e desejos, mas nem sempre as pessoas vislumbram todas as consequências de seus atos (TOLOTTI, 2007). O posicionamento dos entrevistados perante a poupança foi o mesmo encontrado em outros trabalhos, como de Brusky e Fortuna (2002) e Mattoso (2005): acham importante, expressam o desejo em tê-la, mas ao mesmo tempo, não é uma prioridade. Brusky e Fortuna (2002) concluíram que, aparentemente, os indivíduos pertencentes a classes mais baixas não consideram que os benefícios trazidos pela poupança justifiquem os sacrifícios necessários para construí-la. Ter uma poupança não traz gratificação imediata. No entanto, ressaltam que a poupança pode ser uma importante base de segurança de receita.

Apesar do nível de endividamento atual, da inexistência de um controle formal de seus gastos e da ausência de uma reserva financeira, os entrevistados se sentiam capazes de saldar suas dívidas, desde que nenhuma intercorrência grave, como desemprego ou problema de saúde, acontecesse. Não há, portanto, espaço

para imprevistos, que podem levar os entrevistados a um endividamento ainda mais alto ou precipitá-los na inadimplência.

Em síntese, respondendo às perguntas iniciais que orientaram a pesquisa:

- Os indivíduos de baixa renda têm capacidade real de avaliar seu nível de endividamento e gerenciar sua vida financeira?

De forma geral, pode-se afirmar que, comparativamente com estudos anteriores, os resultados obtidos com o grupo analisado mostram maior sensibilidade a juros, embora evidenciem uma compreensão imperfeita de sua natureza. Os juros são entendidos em função do valor do bem adquirido e o valor total pago em crediários. Já os juros do cartão são menos evidentes, porque não podem ser avaliados facilmente, visto que se contraporiam às compras a vista, em que se obtém um desconto. Por outro lado, há conscientização de que o não pagamento à vista implica juros altos, mas não se consegue avaliar com precisão seu impacto.

- Quais elementos impactariam a decisão entre comprar agora e se endividar ou poupar e pagar à vista depois?

Percebeu-se que fatalismo e gratificação imediata estão presentes nas escolhas desses consumidores por crédito. A preocupação com gratificação imediata também se manifesta, paradoxalmente, na preferência por menor número de prestações, para acabar logo o pagamento de uma dívida e poder fazer outra.

- Há algum tipo de planejamento ou projeto que define o seu plano de gastos?

Não foi possível destacar qualquer tipo de planejamento entre os entrevistados. Talvez a forma mais rudimentar de planejamento financeiro seja a de não ter cartão de crédito e não fazer crediário, como forma de controle de gastos.

5.2. Oportunidades nas Políticas Públicas

Como áreas de oportunidade para melhorias nas políticas governamentais direcionadas para a baixa renda, Collins et al. (2009) sugeriram que deveriam ter como objetivo: a) ajudar na gestão diária do uso do dinheiro; b) ajudar a economizar dinheiro para o longo prazo, e c) ajudar no processo de empréstimos para usos diversos.

Um dos motivos para uma maior incidência de problemas financeiros na baixa renda poderia ser a falta de conhecimento, educação financeira. Norvilitis e MacLean (2010) não encontraram qualquer relação direta entre conhecimento e dívida no cartão de crédito e Robb e Sharpe (2009) mostraram que estudantes com bom conhecimento financeiro não eram significativamente diferentes de estudantes com menos conhecimento financeiro com relação à posse de saldo no cartão de crédito, mas não chegaram a avaliar o nível de inadimplência. Entretanto, Dean, *et al.*(2013) identificaram que indivíduos com menor nível de escolaridade apresentavam maiores níveis de endividamento e sugeriram que o governo deveria prover algum tipo de proteção a essa parte da população, evitando que as instituições financeiras se beneficiassem dessa desvantagem.

As recomendações do presente estudo assumem que, embora o conhecimento não necessariamente se reflita em comportamentos financeiramente saudáveis, já que o consumo compulsivo e o descontrole de gastos ocorre mesmo entre indivíduos de alta renda, os resultados mostram que alguns consumidores se conscientizaram da necessidade de evitar o endividamento excessivo depois de uma experiência muito negativa. Considerando que os consumidores de baixa renda só tiveram acesso ao crédito recentemente, é muito possível que o duro aprendizado da experiência os ajude a evitar problemas futuros. Não obstante, ações do governo no sentido de obrigar as instituições de crédito e as lojas a esclarecerem de forma educativa aos consumidores as implicações da tomada de crédito. Além disso, a educação financeira nas escolas públicas pode ajudar a criar consumidores mais preparadas para lidar com a sociedade do crédito e do consumo.

5.3. Sugestões para Pesquisas Futuras

Seria interessante aprofundar o entendimento da relação entre indivíduos orientados para o presente e comportamentos mais resignados e fatalistas, em oposição àqueles direcionados ao futuro e, possivelmente, empreendedores, considerando-se, ainda, diferenças de idade e variações relevantes entre comportamento da baixa e alta renda.

O cartão de crédito e sua crescente penetração no universo de entrevistados abrem oportunidade para uma série de análises mais aprofundadas com relação ao seu uso. Seria interessante entender melhor os significados atribuídos ao cartão de crédito pela baixa renda e aprofundar a compreensão sobre as estratégias de uso do cartão como, por exemplo, quando usar o parcelamento, quantos cartões ter e como usar a possibilidade do crédito rotativo, apesar da incidência dos altos juros. Boa parte dos entrevistados afirmou “administrar” seu orçamento atrasando o pagamento da fatura do cartão.

A constatação de uma falta de controle de gastos formal, na grande maioria, poderia inspirar outros estudos relacionados a produtos pré-pagos, buscando compreender as motivações e significados relacionados a esse tipo de produto.